

camoniana convivem *topoi* da tradição retórica, usados para descrever idênticas procelas nas epopeias clássicas, com pormenores naturalistas que evocam um «saber de experiência feito»; uns e outros criam uma trama intertextual que associa os modelos de Homero, Virgílio, Ovídio, Lucano, Séneca ou Ariosto a reminiscências homo-autorais, com particular destaque para a Elegia I *O Poeta Simónides, falando*, poema em que Camões deu ao tema da tempestade marítima «a sua primeira expressão» (PEREIRA 2007, p. 83).

Tratando-se do último dos perigos que a armada comandada por Vasco da Gama teve de enfrentar na sua viagem rumo ao Oriente, este episódio constitui uma espécie de peripécia que retarda o desenlace feliz proporcionado pelo avistamento da Índia, o qual ocorre imediatamente após o fim da tormenta: «Já a manhã clara dava nos outeiros / Por onde o Ganges murmurando soa, / Quando da celsa gávea os marinheiros / Enxergaram terra alta, pela proa. / Já fora de tormenta e dos primeiros / Mares, o temor vão do peito voa. / Disse alegre o piloto Melindano: / — Terra é de Calecu, se não me engano; // Esta é, por certo, a terra que buscais — / Da verdadeira Índia, que aparece;» (*Os Lusíadas*, VI, 92.1-8 e 93.1-2).

A tempestade tem a sua origem quando Baco, «[...] que na alma sente / As venturas que então se aparelhavam / À gente Lusitana [...]» (VI.6.5-7), desce do Olimpo, «Entra no húmido reino [...] / Daquele a quem o mar caiu em sorte» (VI.7.7-8) e insta Neptuno a convocar os demais deuses marinhos para que impeçam que a frota portuguesa venha a exceder, pelos seus feitos, a fama do próprio Tioneu. Assim, enquanto «[...] a leda, lassa frota / Com vento sossegado prosseguia, / Pelo tranquilo mar, a longa rota» (VI.38.2-4), as deidades da água conluíam no sentido de que Éolo «Solte as fúrias dos ventos repugnantes / / Que não haja no mar mais navegantes!» (VI. 35.7-8).

O processo narrativo engendrado pelo poeta permite ao leitor tomar conhecimento antecipado da tempestade que se aproxima, fruto da decisão malévola dos deuses reunidos em consílio, enquanto os navegantes entretêm as horas de vigília contando histórias de cavalaria, como a dos «Doze de Inglaterra», recordada por Fernão Veloso. Cria-se deste modo uma «ironia diegética

TEMPESTADE MARÍTIMA (Episódio da). Narrado entre as estâncias 70 e 84 do Canto VI d'*Os Lusíadas*, este é um episódio em que se entrelaçam os planos da viagem e do maravilhoso pagão. Do mesmo modo, neste passo da epopeia



Representação da Tempestade Marítima, por Alfred Bramtot, na edição d'*Os Lusíadas* publicada em Paris-Lisboa, 1890

ca» potenciadora dos efeitos retóricos resultantes da articulação do plano da viagem com o plano da mitologia.

O episódio começa por referir a tranquilidade com que se prosseguia a viagem, para de seguida descrever, com grande realismo, o irromper da tempestade. Tal descrição alonga-se por nove estâncias, mais propriamente da estância 70 à estância 79, num discurso saturado de pormenores que revelam conhecimento direto da vida a bordo e dos perigos do mar. As referências à atividade frenética dos marinheiros, a abundância de vocabulário técnico relativo à arte de marear, a veracidade das reações daqueles que viam, de forma súbita e inesperada, as suas vidas ameaçadas, as próprias hipóboles utilizadas para dar conta dos efeitos da fúria dos ventos e das águas, são elementos que não deixam dúvidas quanto às fontes de que Camões se terá servido para descrever esta tempestade marítima: se, por um lado, neste relato se perscrutam marcas de intertextualidade com as epopeias de Homero e de Virgílio, nas quais o poeta colhe exemplos de uma «retóri-

ca do efeito arrepiante e sonoro» (CARVALHO 2003, s. n.), por outro, nele está igualmente patente um conhecimento prático das vicissitudes inerentes às grandes viagens marítimas que não pode senão porvir da experiência.

Nesta lógica de realismo, à descrição pormenorizada da tempestade segue-se uma prece emotiva de Vasco da Gama que, «Vendo [...] que tão perto / Do fim de seu desejo se perdia» (VI.80.1-2), invoca a «— Divina Guarda, angélica, celeste,» (VI.81.1) rogando-lhe que lhe poupe a vida e lhe permita antes morrer «Entre as agudas lanças Africanas» (VI.83.2) do que num naufrágio sem glória. O término da tempestade dá-se, porém, não como consequência desta súplica do Gama, mas por intervenção direta de Vénus, que, uma vez mais vindo em auxílio dos portugueses, determina que as «Ninfas amorosas» usem de todo o seu poder de sedução para acalmar a ira dos ventos.

Vários comentadores chamam a atenção para o facto de a tempestade referida neste Canto não ter fundamentação histórica. A sua inclusão na narrativa da viagem representaria, pois, «uma concessão à tradição épica, um embelezamento da narrativa» (PEREIRA 2007, p. 94). Ela é, no entanto, mais do que um mero artifício de estilo, um processo que permite sublinhar «a histórica sublimidade do acontecimento» (*ibidem*) da chegada à Índia. Trata-se, em conclusão, de um episódio que, pese embora o seu valor documental traduzido pela autenticidade e realismo que se encontram na descrição do fenómeno atmosférico propriamente dito, adquire um valor simbólico enquanto «metonímia de toda a terrível e pungente história trágico-marítima» (CARVALHO 2003, s/n) protagonizada pelo povo português que o poeta glorifica nos comentários finais ao canto, afirmando: «Por meio destes hórridos perigos, / Destes trabalhos graves e temores, / Alcançam os que são de fama amigos / As honras imortais e graus maiores;» (VI.95.1-4).

BIBL.: CARVALHO, Mário de, «O Apito de Prata», *Os Lusíadas*, Lisboa, Ed. do jornal *Expresso*, 2003; PEREIRA, Maria Helena da Rocha, «A Tempestade Marítima d'*Os Lusíadas*. Estudo Comparativo», *Canoniana Varia*, Coimbra, CIEC, 2007; SOUSA, Manuel de Faria e, *Lusíadas de Luís de Camões*, Lisboa, IN-CM, 1972.

Micaela Ramon